
Invisi(bi)lidade: uma cartografia dos agenciamentos coletivos de enunciação sobre a bissexualidade nos portais de notícias g1 Roraima e Folha BV¹

Samantha Stephany do Nascimento CONCEIÇÃO²
Luan Correia Cunha SANTOS³

Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, RR

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar de que maneira os portais g1 Roraima e Folha BV agenciaram as enunciações sobre bissexualidade e pessoas bissexuais no período de 2012 a 2022. Para isso, buscamos a perspectiva da cartografia, um percurso que considera a experiência para a construção da pesquisa. Mapeamos 42 matérias e analisamos de forma crítica o material selecionado a partir de três agenciamentos coletivos de enunciação que cartografamos com a investigação: definição, visibilidade e estigmas. Chegamos a esses agenciamentos após compreender a bissexualidade e cartografar as matérias. Observamos que pessoas bissexuais não foram fontes em nenhuma das matérias em que a sexualidade é citada e a sexualidade não foi explicada ou colocada em evidência em nenhuma delas. Logo, a bissexualidade é invisibilizada, mas uma proposta é que o jornalismo busque uma pluralidade de fontes ao entrevistar ou consultar pessoas bissexuais e que observe as movimentações do movimento bissexual em casos de matérias que sejam necessárias a definição.

PALAVRAS-CHAVE: Bissexualidade. Cartografia. Roraima. Jornalismo. Crítica.

INTRODUÇÃO

A bissexualidade em si está historicamente em um estado de disputa de significados (EISNER, 2013), e usualmente é associada a atração por “homens e mulheres”, no entanto, aqui iremos usar a definição apropriada pelo próprio movimento bissexual brasileiro, que define bissexuais como “pessoas para quem o gênero não é um fator determinante da atração sexual ou afetiva”⁴. A inquietação para o trabalho não surgiu exatamente da academia, mas sim de percepções pessoais dos autores e vivências enquanto pessoas LGBTI+.

¹ Trabalho apresentado no IJ 07 Comunicação, Espaço e Cidadania do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 05 a 08 de setembro de 2023

² Graduanda do 8º semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Roraima - UFRR, email: stephanyr09@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Roraima - UFRR, email: luanjack@gmail.com

⁴ Fonte: Frente Bissexual Brasileira. Disponível em: <[Manifesto bissexual brasileiro](#)>

A partir disso, somamos as subjetivações dessas experiências, que segundo Larrosa (2002) é fundamental na formação de identidade e consciência, para enriquecer os saberes acadêmicos. A reflexão parte da ideia de compreender como o jornalismo contribui para o imaginário social a respeito da bissexualidade, a partir da característica construcionista associada a ele (TRAQUINA, 2005), e o próprio reflexo da sociedade apoiada em valores heterocisnormativos, LGBTIfóbicos, e patriarcais no desenvolvimento das notícias.

Dessa maneira, pode-se afirmar que os agenciamentos sobre a bissexualidade causam impacto nesse imaginário, mesmo que o jornalismo não seja o total responsável por ele, é indiscutível a sua relevância.

Por isso, é fundamental compreender e analisar o papel da mídia nos processos de manutenção ou quebra desses estereótipos ligados a comunidade bissexual. Busca-se, então, compreender de que maneira a bissexualidade e os bissexuais são agenciados nos portais mapeados a partir da cartografia dos agenciamentos coletivos de enunciação. Deleuze e Guattari (1995) pontuam que não existem enunciações individuais. Ou seja:

Não há contornos distintivos nítidos, não há, antes de tudo, inserção de enunciados diferentemente individuados, nem encaixe de sujeitos de enunciação diversos, mas um agenciamento coletivo que irá determinar como sua consequência os processos relativos de subjetivação, as atribuições de individualidade e suas distribuições moventes no discurso (DELEUZE e GUATTARI, 1995, v.2, p.19).

Antes disso, para ambientar o leitor à temática apresento aqui um breve histórico do movimento bissexual brasileiro e este campo de constante disputa que é a bissexualidade. A pesquisadora Helena Monaco (2020) argumenta que diferente dos Estados Unidos, no Brasil não houve um movimento de publicações sobre bissexualidade ou organização de grupos específicos nos anos 80 e 90, mas sim a partir dos anos 2000. Isto porque no país se estabeleceu uma “cultura da homossexualidade” inicialmente, com espaços reconhecidos, figuras públicas e ativistas que representavam a comunidade homossexual (MONACO, 2020, p.57).

A presença de pessoas bissexuais em espaços homossexuais foi motivo de crítica, segundo a ativista bissexual e pesquisadora Regina Facchini (2002), que observou a partir do grupo Somos, considerado o primeiro grupo de defesa dos direitos homossexuais no Brasil, que a presença de bissexuais era vista como uma desculpa para não se assumir como gay ou lésbica. Em pesquisa a outro grupo, o CORSA (Cidadania,

Orgulho, Respeito, Solidariedade e Amor), Facchini (2002) observou que eram vítimas de comentários negativos e até brincadeiras maldosas.

A bissexualidade era associada ao “enrustimento”, fato que ela relaciona com o modelo de militância do movimento homossexual brasileiro, muito pautado na afirmação de identidades. Ela conta que membros do CORSA relatavam que se sentiam excluídos no interior do grupo, e um dos motivos era declarar-se bissexual. Isso permaneceu mesmo depois da inclusão do “B” na sigla oficial GLBT em 1998. (MONACO, 2020, p. 58)

Sendo assim, por conta desse não-lugar em que a bissexualidade é inserida (se por um lado não é aceita pela heteronormatividade, não é bem vista em espaços de militância LGBTI+), é que o trabalho surge. Desse modo, a pergunta orientadora dessa pesquisa se coloca: De que forma os jornais Folha BV e G1 Roraima agenciam as enunciações coletivas sobre a bissexualidade?

Sendo assim, mapeamos 42 matérias e analisamos de forma crítica o material selecionado a partir de três agenciamentos coletivos de enunciação que cartografamos com a investigação: definição, visibilidade e estigmas. Chegamos a esses agenciamentos após compreender a bissexualidade, suas construções, estereótipos, posições e cartografar as matérias.

Como resultados, observamos que mesmo com um período de uma década, pessoas bissexuais não foram fontes em nenhuma das matérias em que a sexualidade é citada e a sexualidade não foi explicada ou colocada em evidência em nenhuma delas. Logo, a bissexualidade é invisibilizada, mas uma alternativa proposta é que o jornalismo busque uma pluralidade de fontes ao entrevistar ou consultar pessoas bissexuais e que observe as movimentações do movimento bissexual em casos de matérias que sejam necessárias a definição.

EPISTEMOLOGIAS BISSEXUAIS

A partir da década de 70, junto com o movimento de liberação gay e lésbico dos Estados Unidos, pessoas bissexuais iniciam a tomada da bissexualidade para si, seja como identidade sexual, objeto de pesquisa ou pensamento político (EISNER, 2013, p. 17). Inicialmente, a definição de bissexualidade de atração por homens e mulheres ganha força, mas entre os anos 90 a noção passa a ser modificada para reafirmar o respeito à identidade trans não-binárias, como destaca Eisner (2013, p. 20).

A partir dessas retomadas, uma série de construções teóricas sobre a bissexualidade começa a emergir, principalmente no sentido de romper com a dicotomia a homossexualidade/heterossexualidade. Esses estudos são chamados de epistemologias bissexuais e foram encabeçados por teóricos como Elisabeth Däumer (1992), Jo Eadie (1993), Maria Pramaggiore (1996), Yasmin Prabhudas (1996) e Amber Ault (1996).

Lewis (2012) observa que este é o mesmo período em que obras da Teoria Queer ganham força, o que pode sugerir uma certa influência de publicações como “Gender Trouble” (BUTLER, 2016) e “Epistemology of the Closet” (SEDGWICK, 1990) nas epistemologias bissexuais. A autora defende ainda que os dois campos se encontram na perspectiva de desestabilizar o binário, seja ela a heterossexualidade/homossexualidade ou a ideia de definição da sexualidade baseada no sexo/gênero. Apesar dos encontros, Lewis (2012, p. 67) pontua que a principal diferença entre as duas é que as epistemologias bissexuais têm a bissexualidade como ponto de partida e a Teoria Queer não fornece nenhum.

Retomando as leituras de Eisner (2013), a autora argumenta que olhar a bissexualidade apenas por uma visão de identidade a ser reforçada e politicamente limitante. Para ela, não basta apenas validar a bissexualidade enquanto uma orientação sexual que existe (mesmo que também seja necessário), mas é preciso refletir de que maneira a bissexualidade é imaginada e o porquê dessas construções (EISNER, 2013, p. 33). A reflexão da autora parte a partir dos estereótipos bissexuais e como pessoas bissexuais poderiam usar esses estereótipos ao próprio favor.

Eisner (2013), define que os estereótipos mais associados à bissexualidade são: a) “a bissexualidade não existe”; b) “bissexuais são confusos, indecisos ou estão somente passando por uma fase”; c) “bissexuais são pessoas promíscuas ou infiéis”; d) “bissexuais são portadores ou vetores de HIV e outras IST’s”; e) “bissexuais na verdade são homossexuais ou heterossexuais”; f) “bissexuais podem escolher ser homo ou heterossexuais”.

O ponto de partida é perguntar “por que a sociedade coloca a bissexualidade ao lado da ansiedade, da ameaça e da subversão. E como podemos usar essas mesmas coisas para perturbar a ordem social e criar mudança social?” (EISNER, 2013, p. 43). Ao fazer esse movimento, Eisner (2013) busca se afastar do discurso binário entre o sim e o não, o verdadeiro e o falso e o bom e o mau. Nesse distanciamento, a autora escolhe

a transgressão, a subversão e a multiplicidade, pautando o movimento a partir do caráter desestabilizador de fronteiras e binários da bissexualidade.

CARTOGRAFIA: UMA FERRAMENTA ANTI-HIERÁRQUICA

Como uma maneira de traçar um caminho diferente dos métodos de pesquisa tradicionais, que prezam pela objetividade e a rigidez, a cartografia como perspectiva metodológica constrói uma relação anti-hierárquica, sem começo, meio ou fim, como apontam os pensadores Deleuze e Guattari (1995), precursores nos estudos cartográficos. Aguiar (2011) reflete em seus estudos sobre a cartografia como um procedimento metodológico que não há hierarquias impostas, pois ela permite que o pesquisador, o objeto e o conhecimento sejam interligados no processo e seus resultados.

Com a primeira escolha de cartografia como ferramenta, o percurso então segue o mapa das “variedades do funcionamento atencional que fazem parte do trabalho do cartógrafo” (KASTRUP, 2009, p.40), são elas: o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento, que seguem abaixo. No entanto, durante o processo de pesquisa o caminho percorrido se deu das seguintes formas: toque > rastreio > pouso > reconhecimento atento.

Partimos para etapa de reconhecimento dos gestos atencionais, momento em que o pesquisador-cartógrafo começa a ter um campo de observação reconfigurado e começa a tomar forma e retoma ao problema para num movimento sucessivo “que fecha sem se esgotar num único sentido ou solução” (KASTRUP, 2009, p. 101). Como apresentado anteriormente, busca-se então compreender de que maneira a bissexualidade e os bissexuais são agenciados nos portais mapeados acima a partir da cartografia dos agenciamentos coletivos de enunciação.

Quando tratamos de agenciamentos, devemos nos atentar a como pode ocorrer e porque ocorrem, a consideração a ser pensada vem de acordo com as pautas que vivemos, em qual sistema estamos inseridos, como mostra Aguiar (2017).

O agenciamento, assim, é capaz de produzir certos estados de mistura de corpos na sociedade, através de estratos que, conforme Deleuze e Guattari (1995), se fazem espécie de organismo ou como determinação atribuível aos sujeitos. No volume 2 de *Mil platôs*, os autores exemplificam o conceito a

partir do agenciamento feudal. Para entender este agenciamento, dizem eles, é preciso se considerar todas as misturas de corpos que definem a feudalidade: o corpo da terra, o corpo social, corpos do suserano, do vassalo, do servo, dos cavaleiros e dos cavalos, as relações que se estabelecem entre os feudos, as armas e ferramentas que asseguram as relações. Neste exemplo, todos estes elementos compõem o agenciamento e também os enunciados, expressões, regimes jurídicos, juramentos e brasões: misturas de agenciamentos coletivos de enunciação (AGUIAR, 2017, p. 74).

Desse modo, é preciso produzir diferentes questões para desestabilizar a materialidade legitimada. Por isso, elaborei as seguintes questões-agenciamentos que guiam a análise, são elas:

- Definição: nos questionamos a partir das seguintes perguntas: como a bissexualidade foi agenciada nos discursos dos portais de notícia? De que maneira a bissexualidade foi (ou não) definida?
- Visibilidade e não-lugar: nesta etapa buscamos pistas sobre os seguintes questionamentos: As pessoas bissexuais foram fontes de alguma das matérias? Quem são as fontes em matérias que pessoas bissexuais ou bissexualidade são citadas? Em que editorias e em que tipo de notícia a bissexualidade aparece?
- Estigmas: por último, nos questionamos: a bissexualidade ou as pessoas bissexuais foram associadas a algum estigma social atribuído historicamente a comunidade?

No entanto, antes de partir para o momento dos agenciamentos é preciso compreender o papel do jornalismo na construção subjetiva da realidade e refletir de maneira crítica se essas construções podem implicar em reforço da heteronormatividade⁵ ou apagamento de identidades, como veremos no tópico a seguir.

JORNALISMO E CONSTRUÇÃO SOCIAL: UM EXERCÍCIO CRÍTICO

Sousa (2008) define o jornalismo como uma forma de representação discursiva de ideias e acontecimentos da vida do homem. Para ele, é uma representação

⁵ Eisner (2013) define a heteronormatividade como um “conjunto de normas culturais e sociais, segundo as quais existem apenas dois sexos e gêneros binários (homem e mulher), e a única forma aceitável de sexualidade ou romance é entre um homem cisgênero e uma mulher cisgênera” (EISNER, 2013, p. 39).

“construída para se contar ou mostrar a outrem” (SOUSA, 2008, p.13). Traquina (2005), por exemplo, menciona que na perspectiva construcionista os jornalistas não são meros espectadores, mas sim ativos na construção da realidade.

Na perspectiva do paradigma construtivista, embora sendo índice do ‘real’, as notícias registram as formas literárias e narrativas utilizadas para enquadrar o acontecimento. A pirâmide invertida, a ênfase dada à resposta às perguntas aparentemente simples: quem? o que? onde? quando?, a necessidade de selecionar, excluir, acentuar diferentes aspectos do acontecimento – processo orientado pelo enquadramento escolhido – são alguns exemplos de como a notícia, dando vida ao acontecimento, constrói o acontecimento e constrói a realidade (TRAQUINA, 2005, p. 174).

A partir dessa perspectiva, fica evidente a responsabilidade social do jornalismo em construir a realidade. No entanto, de acordo com os pesquisadores Alsina e Silva (2018) em seu artigo “Ética e Jornalismo: na era da pós-verdade”, o jornalismo não deve apenas levar em consideração apenas técnicas narrativas, mas sim o caráter ético. Com a ética, o jornalista caminha para uma construção da realidade “atenta aos efeitos nocivos que seu produto simbólico pode trazer à sociedade, como a reprodução de preconceitos, incentivo à intolerância, fortalecimento do inverídico ou ao ato ‘desumano’” (ALSINA, SILVA, 2018, p. 3).

Portanto, é necessária uma sensibilidade por parte dos profissionais da área ao reproduzir as narrativas, além de conhecer os códigos e valores que orientam as práticas jornalísticas. A partir desse cenário é possível refletir como as enunciações a respeito da bissexualidade têm sido agenciadas no jornalismo e quais os seus efeitos. Sendo assim, a crítica foi escolhida neste trabalho como ferramenta de análise das matérias. Isto porque possibilita abrir caminhos para um jornalismo mais ético e que pode contribuir com a desestabilização de um *status quo*, que tem como premissa a manutenção da heteronormatividade.

FOLHA BV E G1 RORAIMA: AGENCIAMENTOS DA BISSEXUALIDADE

Neste agenciamento, a proposta é investigar de que maneira a comunidade bissexual e a bissexualidade foram definidas e apresentadas aos leitores. Nessa análise, percebemos que ainda há uma ideia de ligação da bissexualidade com os binarismos homem/mulher. Das poucas matérias em que a bissexualidade foi apresentada, ela é

destacada de maneira equivocada. Para selecionar as matérias cartografadas nesse tópico nos questionamos a partir das seguintes perguntas: como a bissexualidade foi agenciada nos discursos dos portais de notícia? De que maneira a bissexualidade foi (ou não) definida?

No portal g1 Roraima, nenhuma das notícias define o que é bissexualidade no período de 10 anos. Já no jornal Folha BV encontramos uma matéria que busca definir o que é bissexualidade. Como veremos abaixo:

Figura 1: Matéria cartografada 1 – Parada LGBTQIA+



Fonte: Captura de tela - Folha BV. Disponível em <[Parada LGBTQIA+ será transmitida ao vivo - Folha de Boa Vista \(folhabv.com.br\)](https://www.folhabv.com.br/parada-lgbtqia+-sera-transmitida-ao-vivo)>. Acesso em 8 de maio de 2023.

Aqui nota-se um esforço por parte do veículo de ambientar o leitor com a temática LGBTI+. Nesse sentido, vale destacar o que mencionamos anteriormente: a bissexualidade tem sido um termo em disputa e o jornalismo acaba legitimando determinados discursos e atribuindo sentidos devido ao seu caráter construcionista (TRAQUINA 2005).

No texto não fica claro qual a origem da fonte dessa definição, como a própria matéria diz “é se informando e ouvindo quem faz parte e/ou estuda o tema que podemos jogar para escanteio o preconceito e a intolerância, geralmente, frutos da desinformação”. Neste caso, o fundamental seria ouvir as próprias pessoas bissexuais para compreender essa definição e trazer uma pluralidade de produção de sentidos.

No agenciamento de visibilidade, a ideia é buscar pistas para saber se as pessoas bissexuais foram fontes de alguma das matérias, quem são as fontes em matérias que

pessoas bissexuais ou bissexualidade são citadas, em que editoriais e em que tipo de notícia a bissexualidade aparece.

No geral, observamos que em nenhuma das matérias que tratavam sobre bissexualidade uma pessoa bissexual foi fonte, ou pelo menos não fica evidente em nenhuma das 42 matérias cartografadas. Além disso, de todo o material selecionado em uma década, apenas 2 links levam a bissexualidade no título, como veremos mais abaixo, porém nenhuma delas tem pessoas bissexuais como fonte e a bissexualidade também não é um tema central.

Ao investigar em que matérias a bissexualidade aparece, observamos que em ambos os portais há uma ampla cobertura sobre a parada LGBTQIA+ de Roraima, organizada anualmente pelo grupo DiveRRsidade, o primeiro do estado voltado para a luta pelo direito das pessoas LGBTQIA+ e presidido por Sebastião Diniz, um homem cis gay e por isso aparece na maioria das matérias como fonte.

As duas matérias mencionadas anteriormente trazem informações sobre um levantamento inédito do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) sobre orientação sexual realizado em 2019 em todo o país. Os dados do g1 Roraima e do Folha de Boa Vista são referentes ao recorte estadual.

Pela primeira vez em 10 anos a bissexualidade é mencionada no título, porém, em ambos os textos nota-se uma homogeneização das duas sexualidades, pois os dados são apresentados de forma que não há uma diferenciação entre a porcentagem de quantas pessoas se declaram bissexual e quantas se declararam homossexual, só há uma soma dos dois resultados, o que é apresentado ao leitor da seguinte maneira:

À época, havia 359 mil pessoas de 18 anos ou mais em Roraima. Desse total, 96,6% se declararam heterossexuais, 1,5% se declarou homossexual ou bissexual e 1,9% não sabia sua orientação sexual ou não quis responder. g1, 26.05.2022 (Apenas 1,5% dos adultos em RR se declaram homossexuais ou bissexuais, diz IBGE)

Cerca de 5 mil pessoas se declararam homossexuais ou bissexuais, em Roraima, em 2019, o que correspondia a 1,5% da população adulta, maior de 18 anos. Já 7 mil pessoas não sabiam sua orientação sexual ou não quiseram responder. Folha de Boa Vista, 25.05.2022 (5 mil adultos se declaram homossexuais ou bissexuais em Roraima)

Além disso, em nenhum dos dois textos o conceito de bissexualidade é apresentado ao leitor. No g1 Roraima, há um hiperlink que direciona para uma matéria

com dados nacionais da pesquisa⁶. Nela, o g1 usa a própria definição do IBGE para conceituar a bissexualidade:

Bissexualidade - Refere-se à atração sexual e/ou afetiva por mais de um gênero ou sexo binário. Contrapõe-se às monossexualidades (heterossexualidade e homossexualidade). Daniel Silveira - g1, 25.05.2022 (*Diversidade sexual: 2,9 milhões de brasileiros se declaram homossexuais ou bissexuais, aponta IBGE*)

Em uma análise geral das duas matérias, ambas possuem as mesmas fontes e mostram brevemente a metodologia da pesquisa do IBGE, sendo que na matéria do portal Folha há mais detalhes sobre isso, mas não sobre a bissexualidade em si.

Estas foram as únicas matérias que neste agenciamento trazem a bissexualidade como um fator evidente. Nas demais há apenas a citação da palavra bissexual ou bissexualidade como parte da sigla, como observou Lewis (2012) a bissexualidade quando é lembrada “[...] geralmente é mencionada só como parte de uma lista (“gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, transgêneros, intersexuais...”), mas não examinada, questionada e problematizada profundamente” (LEWIS, 2012, p.73).

Durante a análise, como mencionamos nos tópicos anteriores, a bissexualidade foi pouco mencionada ou nem mesmo definida. Nos agenciamentos de estigmas, investigamos se a bissexualidade ou as pessoas bissexuais foram associadas a algum estigma social atribuído historicamente a comunidade e notamos que a bissexualidade foi mencionada em matérias sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis, como o HIV e AIDS, além de varíola dos macacos, uma doença infecciosa.

Assim, vamos verificar se há a presença do estereótipo “bissexuais são portadores ou vetores de HIV e outras IST’s” apontado por Eisner (2013). Como resultado, identificamos três matérias neste agenciamento, todas do portal Folha BV.

Figura 2: Matéria cartografada 2 - Infecção de HIV em héteros (captura de tela)

⁶ Fonte: g1. Disponível em <[Diversidade sexual: 2,9 milhões de brasileiros se declaram homossexuais ou bissexuais, aponta IBGE](#)>. Acesso em 8 de maio de 2023.



Fonte: Folha BV. Disponível em <[Mais de 50% dos infectados por HIV/AIDS em R- Folha de Boa Vista \(folhabv.com.br\)](http://folhabv.com.br)>. Acesso em 8 de maio de 2023.

Figura 3: Matéria cartografada 3 - Redução de casos de Aids (captura de tela)



Fonte: Folha BV. Disponível em <[Casos de Aids reduzem em Roraima e governo começa campanha - Folha de Boa Vista \(folhabv.com.br\)](http://folhabv.com.br)>. Acesso em 8 de maio de 2023.

Figura 4: Variola dos macacos - Matéria cartografada 4 (captura de tela)



Fonte: Folha BV. Disponível em <[Roraima é alertado a monitorar circulação de variola do macaco - Folha de Boa Vista \(folhabv.com.br\)](http://folhabv.com.br)>. Acesso em 8 de maio de 2023.

No caso das matérias cartografadas sobre AIDS/HIV (matérias 2 e 3), a figura do bissexual aparece novamente apenas citada sem aprofundamento, desta vez com dados relacionados à infecção pelo vírus através de uma classificação por orientação sexual. Na matéria 12, no entanto, o destaque é para o número de infecções no ano de 2017 em pessoas heterossexuais, que representa 54%, já as pessoas bissexuais são

apenas 8%. Na matéria 3, o portal repete os dados, desta vez para falar sobre o início da campanha Dezembro Vermelho, mês de luta contra a AIDS.

Em nenhuma das duas a bissexualidade é apontada como fator de risco, porém é importante observar que historicamente a bissexualidade sempre é associada à doença, sendo assim o portal Folha BV acaba fomentando esse imaginário ao mencionar a bissexualidade. É evidente que classificar as orientações de pessoas que vivem com o vírus da HIV é importante para mediar políticas públicas para estas populações, porém no campo do jornalismo qual seria a serventia de enumerar esses casos?

Jaeger (2019) afirma que o movimento de associar pessoas bissexuais à vetores de doença ainda acontece atualmente, inclusive dentro do próprio movimento LGBTI+, onde muitas mulheres lésbicas consideram mulheres bissexuais como um risco para a transmissão de ISTs por se relacionarem com homens cisgêneros. Para ela, parece “haver uma crença de que pessoas bissexuais se envolvem sexualmente com diversas parceiras e parceiros de maneira irresponsável, contraindo infecções e as transmitindo para pessoas monossexuais” (JAEGER *et al.*, 2019, p. 12).

Por isso, nos questionamos: o jornalismo roraimense tem contribuído para essas ideias? Se sim, como adotar outro comportamento? É óbvio que ao estarmos inseridos em uma sociedade heteronormativa é comum que isso cause reflexos na produção de sentidos, mas ao adotarmos um posicionamento crítico e ético é possível romper com os estigmas ligados a bissexualidade, neste caso o fato de serem considerados “vetores de doenças” (EISNER, 2013).

Por outro lado, Eisner (2013) argumenta a própria bissexualidade desestabiliza as fronteiras entre o mundo gay e hétero e ao se apropriar desse estereótipo, nós enquanto pessoas bissexuais podemos sermos os “portadores da viadagem à população heterossexual como potencial de contaminar - ou seja, destruir e enviar - as estruturas heteronormativas” (EISNER, 2013, p. 43).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste percurso teórico-metodológico foi analisar de que forma os portais g1 Roraima e Folha BV agenciam as enunciações coletivas sobre a bissexualidade em um período de 10 anos. Sendo assim, mapeamos 42 matérias e

analisamos de forma crítica o material selecionado a partir de três agenciamentos, são eles: definição, visibilidade e estigmas.

Como resultado, observamos que nos agenciamentos coletivos de definição, a bissexualidade é empurrada à dicotomia de se atrair por homens e mulheres, mesmo que essa não seja uma definição usada pelo movimento bissexual. Como vimos no capítulo três, a bissexualidade e suas definições sempre estiveram em disputa, sendo assim pode-se dizer que ao produzir sentidos, a bissexualidade é definida de uma maneira antiquada e em uma categoria que está em desuso por pessoas bissexuais.

Além disso, o fato que deve ser evidenciado é que em nenhuma das 42 matérias cartografadas há a presença de pessoas bissexuais como fonte, ou ao menos não fica evidente em nenhuma matéria, diferente de outras siglas em que duas matérias cartografadas a identidade ou sexualidade é apresentada ao leitor.

Nos agenciamentos de estigmas, observamos que ainda há uma associação da bissexualidade em matérias sobre HIV, AIDS, mesmo que a bissexualidade não seja tratada como fator de risco ou outra associação direta. No Brasil, a bissexualidade ficou em maior evidência com a epidemia de AIDs nos anos 80 e no material cartografado é possível perceber que a bissexualidade em Roraima também fica evidente quando é em casos como esse. Por isso, é necessária uma cautela para não reproduzir estigmas historicamente ligados a grupos em vulnerabilidade.

Essas produções de sentidos podem impactar os consumidores de notícias, reforçando as ideias de que pessoas bissexuais não existem ou são vetores de doenças. Sendo assim, para romper essas barreiras e visibilizar a bissexualidade é fundamental que o jornalismo busque uma pluralidade de fontes ao entrevistar ou consultar pessoas bissexuais e que observe as movimentações do movimento bissexual em casos de matérias que sejam necessárias a definição.

Por isso, acreditamos que a partir de um jornalismo ético e crítico podemos pluralizar os portais de notícias, pois para além de noticiar os fatos, o Art. 9º do Código de Ética dos jornalistas brasileiros define que os deveres dos profissionais da área consistem em “opor-se ao arbítrio, ao autoritarismo e à opressão, bem como defender os princípios expressos na Declaração Universal dos Direitos do Homem”.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Lisiane Machado. **Cartografia: deriva metodológica**. In: MALDONADO, Alberto Efendy; BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia Martins do (Orgs.). *Perspectivas metodológicas em comunicação: desafios na prática investigativa*. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2008.

ALSINA, Miquel Rodrigo. CERQUEIRA da SILVA, Laerte José. **Ética e Jornalismo: na era da pós-verdade**. *Revista Observatório*, vol. 4, n. 3, 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

EISNER, Shiri. **Bi: Notes for a bisexual revolution**. Berkeley: Seal Press, 2013.

FACCHINI, Regina. **"Sopa de letrinhas: movimento homossexual e a produção de identidades coletivas nos anos 90."** 2012.

FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins. **Convenções de gênero, sexualidade e violência: pesquisa com participantes de eventos do Orgulho LGBT de São Paulo – 2009**. *Latitude*, Vol. 7, nº 1, pp. 13-32, 2013.

LEWIS, Elizabeth Sara. **“Não é uma fase”: construções identitárias em narrativas de ativistas LGBT que se identificam como bissexuais**. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012a.

KASTRUP, Virgínia. **O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo**. In: Passos, E., Kastrup, V. e Escóssia, L. (Orgs) *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. V. 1. Porto Alegre: Sulina, 2009.

KASTRUP, Virgínia. BARROS, Regina Benevides. **Movimentos e funções do dispositivo na prática da cartografia**. In: Passos, E., Kastrup, V. e Escóssia, L. (Orgs) *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. V. 1. Porto Alegre: Sulina, 2009.

JAEGER, Melissa et al. **Bissexualidade, bifobia e monossexismo: problematizando enquadramentos**. *Bissexualidade, bifobia e monossexismo: problematizando enquadramentos*, n. 11, p. 1-16, 2019.

MONACO, Helena Motta. **“A gente existe!”: ativismo e narrativas bissexuais em um coletivo monodissidente**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020a

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo - Volume 1. Porque as notícias são como são**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.